

**Figurações da bruxa na literatura: As reconstruções modernas de Tituba e Circe
nas obras de Maryse Condé e Madeline Miller****Figurations of the witch in literature: modern reconstructions of Tituba and Circe
in the works of Maryse Condé and Madeline Miller****Beatriz Tereno Correa Genial**

RESUMO: Este estudo tem por objetivo analisar de que modo a imagem da bruxa é representada na literatura contemporânea, investigando se ela é predominantemente retratada como uma vítima histórica e marginalizada ou como um símbolo de força e empoderamento feminino. Em vista disso, o estudo terá enfoque no recorte temático sobre a bruxaria nas obras *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* (1986) e *Circe* (2018), ambas voltadas às releituras de personagens femininas associadas à magia. O objetivo central consiste em analisar como as autoras Maryse Condé e Madeline Miller reconstroem as figuras de Tituba e Circe em suas obras, com ênfase na representação da bruxaria como dimensão simbólica e crítica dessas personagens. Posto isso, a fim de compreender como Condé e Miller reinterpretam essas figuras míticas, esta pesquisa propõe: examinar as experiências de opressão e marginalização vivenciadas por Circe e Tituba; investigar de que modo essas personagens contribuem para a desconstrução de estereótipos associados às bruxas, evidenciando seu potencial subversivo; e, por fim, analisar a relevância dessas releituras para os debates contemporâneos no campo da literatura. Como fundamentação teórica, a pesquisa se apoia nos conceitos de revisionismo literário propostos por Adrienne Rich, além das teorias feministas de Silvia Bovenschen, Justyna Sempruch e Mona Chollet sobre o papel histórico e transgressor das bruxas. Por fim, o estudo visa fornecer uma análise geral da figuração da bruxa na literatura contemporânea, contribuindo para uma compreensão mais ampla de suas representações simbólicas e sua relevância atual.

Palavras-chave: Bruxas. Releitura. Literatura. Tituba. Circe.

ABSTRACT: This study aims to analyze how the image of the witch is represented in contemporary literature, investigating whether she is predominantly portrayed as a historical and marginalized victim or as a symbol of female strength and empowerment. In view of this, the study will focus on the theme of witchcraft in the works *I, Tituba: Black Witch of Salem* (1986) and *Circe* (2018), both of which reinterpret female characters associated with magic. The central objective is to analyze how authors Maryse Condé and Madeline Miller reconstruct the figures of Tituba and Circe in their works, with an emphasis on the representation of witchcraft as a symbolic and critical dimension of these characters. In order to understand how Condé and Miller reinterpret these mythical figures, this research proposes to: examine the experiences of oppression and marginalization experienced by Circe and Tituba; investigate how these characters contribute to the deconstruction of stereotypes associated with witches, highlighting their subversive potential; and, finally, analyze the relevance of these reinterpretations to contemporary debates in the field of literature. As a theoretical foundation, the research is based on the concepts of literary revisionism proposed by Adrienne Rich, in addition to the feminist theories of Silvia Bovenschen, Justyna Sempruch, and Mona Chollet on the historical and transgressive role of witches. Finally, the study aims to provide a general analysis of the figure of the witch in contemporary literature, contributing to a broader understanding of its symbolic representations and current relevance.

Keywords: Witches. Re-readings. Literature. Tituba. Circe.

Introdução

Com as mudanças causadas pelo movimento feminista, novas lentes se direcionaram para a análise da mulher na literatura, incluindo a figura da bruxa. Com o aprofundamento dos estudos históricos, muitos buscam redimir a bruxa das acusações do passado, de forma que essa personagem, marcada por estereótipos negativos, vem sendo reinterpretada em obras contemporâneas ao assumir o papel de protagonista e desafiar as caracterizações tradicionais. Partindo desse princípio, este estudo tem a finalidade de explorar a bruxa contemporânea no imaginário literário, verificando se a sua representação tende mais para uma vítima histórica ou para um símbolo de empoderamento feminino. Assim, o objetivo central da pesquisa consiste em analisar como as autoras Maryse Condé e Madeline Miller representam a bruxaria nas reconstruções das personagens Tituba e Circe, visando explorar as representações dessas releituras e a relevância para a literatura moderna.

Dentro dessa linha de pesquisa, há grande destaque no que se refere aos estudos de literatura feminina, além de que temas históricos e culturais também são intrínsecos nessa temática. A bruxa é uma personagem que evoluiu para desafiar estereótipos de gênero, virou um símbolo do poder feminino e, também, devido a sua marginalização ao longo da história, se tornou uma representação de minorias. Dessa maneira, é interessante verificar em que medida a marginalização e a subversão se sobrepõem na caracterização moderna dessa figura, o que possibilita uma variedade de estudos.

No primeiro capítulo da obra *Fantasies of the gender and the witch in feminist theory and literature*, a pesquisadora polonesa Justyna Sempruch desenvolve a bruxa como uma figura feminista e subjugada culturalmente, indo da representação de vítima até a de “supermulher” poderosa, devido às novas reconfigurações históricas. A autora comenta sobre o dilema dessa figura entre uma transgressora cultural e um bode expiatório conveniente do sistema patriarcal. No que concerne ao papel histórico das mulheres e os eventos que as levaram para a posição de acusadas durante a Inquisição, as teorias da crítica Silvia Bovenschen e da filósofa Silvia Federici serão consideradas como aporte teórico. Por fim, se tratando da caracterização transgressora feminina e suas associações com a bruxaria, a obra *Bruxas: a força invencível das mulheres*, da jornalista Mona Chollet, será colocada em evidência para essa visão atual.

Dessa forma, este estudo busca verificar como as autoras reinterpretam essas figuras mágicas ao dar voz e profundidade a elas. A análise buscará oferecer, primeiramente, uma introdução sobre as personagens objetos de estudo. Em seguida, o estudo será dividido em duas linhas principais a fim de verificar a possível dupla figuração: as bruxas diante da opressão sofrida em seus contextos e diante da subversão proporcionada por seus poderes. Por fim, considerando essas duas dimensões, a pesquisa dedicará uma última seção à análise da reconfiguração predominante dessas personagens no cenário atual, destacando como essas releituras são pertinentes para as discussões sobre a literatura contemporânea.

As reinterpretações das bruxas de Condé e Miller

Com eclosão do movimento feminista nos anos de 1970, novas perspectivas se voltaram para a representatividade das mulheres, incluindo a figuração da bruxa. Partindo da noção de que o movimento feminista e o revisionismo literário trouxeram novas perspectivas a obras consagradas da literatura, diversas produções contemporâneas passaram a transformar essas figuras em protagonistas, o que altera mais uma vez a tipificação dessas personagens detentoras de magia. Diante desse novo cenário, é oportuno analisar a imagem que esse arquétipo está passando nas obras atuais, visto que são consideradas mulheres detentoras de poder e, portanto, empoderadas, mas também são vistas como vítimas de um contexto histórico que as torturou e as executou.

A crítica alemã Silvia Bovenschen analisa a opressão histórica das bruxas e explora o seu interesse contemporâneo. Ao refletir sobre a ressurgência dessa figura, marcada pelos movimentos feministas, a autora destaca: “Ao recorrer a uma imagem histórica, as mulheres não abordam o fenômeno histórico, mas sim seu potencial simbólico”¹ (Bovenschen, 1978, p. 87, tradução minha). Logo, a pesquisa buscará analisar a abordagem do potencial simbólico desenvolvido pela bruxa no campo literário moderno.

Maryse Condé cria uma ficcionalização histórica ao colocar Tituba, uma das acusadas de bruxaria nos registros históricos de Salem, como protagonista, oferecendo

¹Original em inglês: “In turning to an historical image, women do not address the historical phenomenon but rather its symbolic potential.”

voz a uma personagem invisibilizada na história e na literatura. Já Madeline Miller reconstrói o mito de Circe desde as suas origens, explorando a trajetória e as motivações da personagem até se tornar a temida e sedutora feiticeira de Eana. Dessa forma, as autoras utilizaram dessas tendências contemporâneas para propor uma nova visão a essas personagens pouco trabalhadas em suas histórias originais e, com isso, também trazer uma visão diferente para a figura da bruxa ao utilizar a literatura como meio de ressignificações.

Se tratando de *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, Maryse Condé traz referências da peça *The Crucible* (1953), de Arthur Miller, que, na época, colocou o aldeão John Proctor como protagonista e abordou Tituba como coadjuvante, ainda que ela tenha sido uma importante figura nos julgamentos de Salem, pois foi a primeira acusada a confessar o crime de bruxaria. Sobre a escolha de desenvolver um romance que retrata a vida da personagem, a autora guadalupense explicou em uma entrevista com a pesquisadora Françoise Pfaff que as experiências de racismo que sofreu enquanto professora universitária nos Estados Unidos a aproximaram de Tituba (Pfaff, 2016, p. 116-117). Diante de sua invisibilidade pelos americanos e pelo corpo docente em que atuava, a autora se viu frente à escravizada apagada dos julgamentos de Salem, vivendo, a partir de então, em uma “estreita intimidade” com a figura histórica durante o período em que escreveu a obra (Condé, 2022, p.19).

Já a escritora americana Madeline Miller consagrou seu trabalho revisionista com o seu livro de estreia: *A canção de Aquiles* (2011), no qual conta os acontecimentos da guerra de Tróia pela perspectiva de Pátroclo. Com *Circe* (2018), sua segunda obra, ela traz a perspectiva da ninfa desde sua convivência com os deuses até o seu exílio na ilha de Eana, causado por desafiá-los com seus poderes e representar uma ameaça à imortalidade divina. Em entrevista com a jornalista Nikki VanRy, ao ser questionada sobre o que a atraiu em Circe, Miller respondeu que a achava uma figura fascinante, sábia e inteligente, mas que estava a serviço da jornada de Odisseu, de forma que ela queria explorar melhor a sua história. Tendo em conta que Homero (2018) não traz justificativa para as ações de Circe e o que a levou a transformar os naufragos de sua ilha em porcos, a autora aponta para incoerências na retratação da personagem original, que não apresenta aprofundamento psicológico nem realismo, de forma que ela procurou retratar sua protagonista de forma mais compreensível e coerente.

Em suas aparições originais, Tituba e Circe não são personagens aprofundadas por seus autores, de modo que a ninfa já recebe Odisseu e seus homens como autoridade da ilha de Eana na obra de Homero (2018) e a escravizada já aparece como acusada de bruxaria na obra de Arthur Miller (2003). Em contrapartida, nas releituras feitas por Condé e Miller é explorado como as protagonistas desenvolveram seus poderes, marcando o início de suas jornadas na bruxaria.

Antes de partir para a análise, cabe ressaltar alguns pontos de intersecção em ambas as jornadas. Um primeiro fator a ser destacado é o sentimento de despertamento ao contexto histórico-social em que estavam inseridas, de modo que isso atuou como fator catalisador para a aproximação com a bruxaria. Outro elemento significativo reside no desenvolvimento de seus poderes, que se intensificava à medida que se distanciavam dos julgamentos externos e se reconectavam com sua essência – processo para o qual a autoaceitação mostrava-se fundamental. Por fim, ressalta-se a marginalização e a reprimenda social que sofreram em seus meios por conta da distinção mágica que representavam. Nesse sentido, por representar uma ameaça à ordem divina, Circe foi remetida ao isolamento e à solidão em um exílio punitivo, enquanto Tituba, que representava tudo o que o contexto colonial, religioso e patriarcal desprezava, foi remetida à repressão e à escravidão, em um sistema duplamente opressivo.

Portanto, diante da complexidade das personagens desenvolvidas pelas tendências revisionistas do cenário contemporâneo, o estudo buscará compreender qual é a imagem passada pelas bruxas reconstruídas por Maryse Condé e Madeline Miller. Para isso, serão estabelecidos dois critérios principais para o estudo das personagens: como elas lidam com a opressão enquanto vítimas sociais e como elas lidam com a possibilidade de subversão proporcionada por seus poderes sobrenaturais. Dessa maneira, uma linha será conduzida para contrastar a caracterização de vítima e de mulher empoderada pelas quais as bruxas podem ser reconhecidas.

As bruxas diante da opressão e marginalização

Esta seção tem por objetivo analisar a opressão e marginalização sofrida pelas protagonistas de Miller e Condé, a fim de verificar em que medida Circe e Tituba representam o caráter de vítimas históricas colocadas como bode expiatório pelo

sistema masculino. Um primeiro fator a ser levado em conta é o gênero das personagens enquanto um primeiro princípio de opressão, visto que o patriarcalismo é dominante sobre mulheres de qualquer classe ou raça no âmbito em que as personagens se encontram. Em vista desses tópicos, pretende-se observar como as protagonistas são colocadas nessa posição vitimizada diante de seus contextos, levando em consideração os aspectos de gênero e as características distintivas relacionadas à bruxaria.

No que se refere à violência sofrida pelas mulheres associadas à bruxaria ao longo da história, é necessário mencionar o conceito de estranhamento e ameaça que essas figuras passam, trazido pelos pesquisadores Brooks Alexander e Jeffrey Russell na obra *História da Bruxaria* (2019).

As histórias populares, assim como os sonhos, expressam as preocupações do inconsciente em símbolos; o significado da figura da bruxa, como o de qualquer símbolo, varia com a história. Geralmente, porém, ela representa uma força natural elementar detentora de enormes e inesperados poderes contra os quais uma pessoa normal é incapaz de se preparar ou defender, uma força não necessariamente maléfica, mas tão alheia e remota ao mundo dos homens que constitui uma ameaça à ordem social, ética e até física do cosmo. Essa maneira de retratar a bruxa é muito antiga e provavelmente arquetípica. Essa bruxa não é uma simples feiticeira, nem uma demonólatra, nem uma pagã. É uma presença hostil oriunda de um outro mundo. O terror visceral inspirado por essa bruxa arquetípica ajuda a explicar o excesso de ódio e o medo acumulados durante a caça às bruxas. (Alexander; Russel, 2019, p.63)

Nesse mesmo sentido, a jornalista feminista Mona Chollet comenta na introdução de seu livro *Bruxas: a força invencível das mulheres* (2022) sobre essa necessidade de apontamentos na sociedade, que pode culminar na hostilidade, marginalização, e, por vezes, na violência.

A bem verdade, é exatamente porque as caças às bruxas nos falam do nosso mundo que temos excelentes razões para não encará-las. Arriscar-se a isso é confrontar-se com a faceta mais desoladora da humanidade. Elas ilustram, para começar, a insistência das civilizações em designar regularmente um bode expiatório para suas desgraças, e em se fechar numa espiral de irracionalidade, inacessível a qualquer argumentação sensata, até que a acumulação dos discursos de ódio e uma hostilidade tornada obsessiva justifiquem a passagem à violência física, percebida como uma defesa legítima do corpo social." (Chollet, 2022, p. 17-18)

Com base nessas concepções, Circe enfrentou a exclusão da própria família por ser considerada a mais fraca dos filhos do titã Hélio, sendo a ninfa apagada e a mais distante da divindade. Contudo, apesar desse deslocamento hereditário, a feiticeira foi

posta à margem somente quando confessou seus atos de bruxaria, de forma que a revolta de seu pai fez com ele lhe lançasse duras palavras:

"Ousa me contradizer? (...) A pior dos meus filhos, esmaecida e quebrada, que eu não consigo pagar um marido para aceitar? Desde que nasceu, apiedei-me de você e lhe permiti liberdades, mas você cresceu desobediente e orgulhosa. Vai me fazer odiá-la ainda mais?" (Miller, 2020, p. 61).

Já o ato de violência sofrido por Circe não diz respeito à sua condição de bruxa, mas à sua condição enquanto mulher, pois, apesar de sua admiração e acolhimento para com os mortais, Circe foi violentada pelo líder de um grupo de naufragos. Assim, a partir desse ato brutal do estupro, a protagonista perdeu seu encanto ingênuo pela humanidade, o que a fez assumir a forma de feiticeira temida e cautelosa que enfeitiça o banquete e oferece aos visitantes da ilha, metamorfoseando-os em porcos.

Abri a boca para gritar o feitiço, mas ele forçou o braço contra a minha traqueia e o som ficou engasgado. Eu não podia falar. Não podia respirar. Lutei contra ele, mas ele era bem mais forte do que eu pensava, ou talvez eu fosse mais fraca (...) Lembro-me do que pensei, nua sobre a pedra áspera: sou apenas uma ninfa, afinal de contas, e nada é mais comum entre nós do que isso. (Miller, 2020, p.173)

Com esse pensamento, a bruxa faz referência à habitualidade dessas violências contra as ninfas retratadas nas mitologias, o que expande esse meio de opressão para a condição feminina em geral, que foi usado contra Circe por a encontrarem sozinha em sua ilha: "Noivas, as ninfas são chamadas, mas não era realmente assim que o mundo nos via. Éramos um banquete infinito disposto numa mesa, lindo e renovado. E péssimas em escapar." (2020, p. 178-179). Em certo ponto da história, após a partida de Odisseu, Circe lamenta pela condição feminina e sua retratação na literatura ao comentar sobre as canções que ouviu sobre seu encontro com o herói.

Eu não fiquei surpresa com o retrato que a canção pintava de mim: a bruxa orgulhosa desfeita diante da espada do herói, ajoelhando-se e pedindo misericórdia. Humilhar mulheres parece ser um dos passatempos preferidos dos poetas. Como se não pudesse haver uma história se não rastejarmos e choramingarmos. (Miller, 2020, p.189)

Uma outra forma de dominação citada por ela é a presença dos deuses e a imposição de suas vontades em sua ilha, é o que acontece com Hermes, Apolo e Atena. No primeiro caso, apesar do deus mensageiro ter sido seu amante em um primeiro

momento, suas visitas se tornam apenas para uma provocação após o distanciamento entre eles. Já Apolo a tomou como hospedeira para uma profecia dirigida a Odisseu, utilizando seu corpo como receptáculo de uma visão de modo violento e não consensual. Por fim, Atena sondou sua ilha e lançou maldições sobre seu filho, a fim de ocasionar sua morte e evitar que o destino dele cruzasse com o de Odisseu.

Eu tremia de raiva e humilhação. Quantas vezes teria de aprender? Cada momento de minha paz era mentira, pois ela existia ao prazer dos deuses. Não importava o que eu fizesse, quanto tempo vivesse, a seu bel-prazer eles poderiam me alcançar e fazer o que quisessem comigo. (Miller, 2020, p. 210-211)

Dessa forma, a condição de marginalizada sofrida por Circe começa devido ao seu posicionamento rebelde e transgressor quanto ao mundo divino, o que acarreta sua exclusão familiar. Essa caracterização é marcada pela sua distinção em meio ao círculo familiar e aptidão para a bruxaria, de modo que as divindades a julgaram como uma ameaça e impuseram seu isolamento como pena, segregando-a dos seus. No que se trata da violência e opressão, esses são fatores mais relacionados aos aspectos de gênero e de classe, que a colocam em uma categoria mais baixa graças ao afastamento de sua divindade e seu posicionamento a favor dos mortais.

No que se refere à Tituba, sua condição é de marginalizada em um contexto opressor desde o início, mesmo antes de seu nascimento. Ela começa a história partindo do estupro sofrido por sua mãe, Abena, em um navio de tráfico negreiro. Além da violência de gênero por sua condição feminina, Tituba se encontra no meio colonial e escravocrata, no qual sua cor a coloca na conjuntura de escravizada. Dessa maneira, é por isso que, após o seu nascimento, sua mãe lamenta e prevê uma sina árdua.

Minha mãe chorava, porque eu não era um menino. Parecia que o destino das mulheres era ainda mais doloroso que o dos homens. Para que se libertasse de sua condição, elas não deveriam passar pelas vontades dos homens que as mantinham em escravidão e deitar na cama deles? (Condé, 2022, p. 28)

Após a morte de sua mãe e seu pai adotivo para a repressão do meio colonial, Tituba foi criada em reclusão pela ex-escravizada Man Yaya, que lhe colocou no caminho da bruxaria. A partir desse momento, ela se distancia da realidade opressora e violenta da escravidão, mas volta a se submeter voluntariamente a ela ao se apaixonar pelo escravizado John Indian, se unindo a ele e passando a pertencer à Susanna Endicott. De

volta à condição de escravizada, a invisibilização e a submissão voltam a fazer parte de seu contexto, dessa vez com ela sendo obrigada a aderir à religião cristã e aos costumes sociais.

O que me deixava mais estupefata e revoltada não era tanto as palavras que diziam, mas a maneira como as diziam. Parecia que eu não estava lá, em pé, na entrada da sala. Falavam de mim e ao mesmo tempo me ignoravam. Elas me riscaram do mapa dos humanos. Eu era ausência. Um invisível. Mais invisível que os invisíveis, pois eles ao menos detinham um poder que todos temiam. Tituba, Tituba não tinha mais que a realidade que aquelas mulheres queriam lhe conceder. Era atroz. (Condé, 2022, p. 51-52)

Diante disso, apesar da marginalização de Circe ser remetida ao isolamento, Tituba se encontra na mesma condição ao ser invisibilizada pelos senhores na sociedade patriarcal, colonial e cristã. Por representar justamente o oposto, a personagem acabou sendo submetida a esse meio violento com mais brutalidade ainda. Como já foi mencionado, Tituba enfrentou a exclusão entre os brancos dominantes do sistema colonial e entre as comunidades de escravos, visto que era menosprezada pelos primeiros e temida pelos segundos. Tituba enfrenta a dupla marginalização entre os dois meios de sua época e assume um limbo por não se sentir pertencente a nenhum deles.

A sua situação piora após ser vendida junto com John Indian a Samuel Parris, um pároco ainda mais rígido que acaba os levando para as colônias inglesas, onde o seu deslocamento só aumenta.

Eu urrava, e, quanto mais eu urrava, mais eu tinha o desejo de urrar. De urrar meu sofrimento, minha revolta, minha raiva impotente. Que mundo era aquele que tinha feito de mim uma escravizada, uma órfã, uma pária? Que mundo era aquele que me separava dos meus? Que me obrigava a viver entre pessoas que não falavam a minha língua, que não compartilhavam a minha religião, num país feio, nada agradável? (Condé, 2022, p. 135)

Sua servidão ao reverendo Parris é repleta de opressão, com ameaças e agressões por não cumprir o esperado, principalmente com relação à fé cristã. Entretanto, em vista da repressão do meio e do Sr. Parris, Tituba constrói um vínculo com Elizabeth Parris e Betsey, esposa e filha do Reverendo:

— Por que tenho que me confessar? Aquilo que se passa na minha cabeça e no meu coração concerne somente a mim.
Ele me deu um tapa. Sua mão, seca e cortante, veio machucar minha boca e a encheu de sangue. Ao ver o fio o vermelho, a senhora Parris recuperou as forças, se ajeitou e disse com furor:

— Samuel, você não tem o direito!...

Então, ele bateu nela. Ela também sangrou. Esse sangue selou nossa aliança.
(Condé, 2022, p. 73)

Novamente, marca-se a violência de gênero em um contexto patriarcal, com a protagonista também sofrendo suas consequências. Mais adiante, Tituba também vai se encontrar com Hester Prynne na prisão — personagem originalmente de Nathaniel Hawthorne em *A letra escarlate* (1850) —, uma mulher acusada de adultério e à espera de julgamento, onde as duas também vão formar uma aliança diante de suas situações.

No que se trata de sua caracterização enquanto bruxa, o fervor puritano foi igualmente violento ao lidar com esse aspecto. Dessa forma, Tituba, já subalterna na posição de mulher negra escravizada, não escapou das acusações que vieram das crianças, inclusive das meninas por quem ela se tornou responsável, de modo que a sua condição de marginalizada se tornou ainda mais extrema ao enfrentar as torturas causadas pela Inquisição:

Um dos homens subiu em mim como se eu fosse mesmo um cavalo e começou a bater na minha cara com seus punhos, duros como pedras. Um outro ergueu a minha saia e enfiou um pedaço de pau com a ponta bem talhada na parte mais sensível do meu corpo enquanto ria. (Condé, 2022, p. 138)

Em meio a esse lugar marginalizado de mulher negra escravizada no contexto colonial, Tituba é excluída de qualquer categoria ao seguir no caminho da bruxaria também. Contudo, em meio a tantas situações e migrações impostas à ela, Tituba é morta acusada por traição e rebeldia, de modo que a sua luta final é em prol dos escravizados e da liberdade que ela tanto almeja em sua jornada.

Diante do exposto, tanto Circe quanto Tituba passam por ocorrências de exclusão e são colocadas à margem por conta de suas características distintivas, que acabam por afastá-las dos grupos sociais aos quais pertencem. Ambas também enfrentam a opressão e violência de seus meios, mas esses fatores são ligados principalmente às conjunturas sociais e de gênero das quais as personagens se associam. Dessa maneira, Circe é reprimida pelas divindades olímpianas devido a sua rebeldia e ameaça que representa, enquanto Tituba é submetida à servidão degradante dos colonizadores. Em suma, ainda que a bruxaria seja um elemento responsável por afastá-las de seus grupos, a maior parte da violência do contexto se estabelece pelo simples fato de as personagens serem subalternas em relação ao sistema dominante, o que as tornam propícias para sofrerem

suas brutalidades com mais intensidade. Por fim, no que se trata das experiências de dominação sofridas pelas protagonistas e o modo como isso interferiu em seus caminhos na bruxaria, é possível perceber que elas passaram a utilizar seus dons estrategicamente como proteção para si e para os seus, como será melhor abordado na próxima seção.

A subversão das personagens e o símbolo de resistência

No primeiro capítulo de sua obra *Fantasies of the gender and the witch in feminist theory and literature*, Justyna Sempruch considera duas faces da representação feminista por um viés mais radical da bruxa: como uma figura histórica sujeita à tortura e à morte e como uma ficção de renovação, que traz uma figura feminina que anseia e encadeia uma transformação cultural para o futuro (Sempruch, 2008). Em complemento, Silvia Federici retrata sobre a perseguição às bruxas no quarto capítulo de *Calibã e a Bruxa* (2017), ressaltando que esse contexto específico aprofundou a divisão dos gêneros e implementou o medo do poder das mulheres. Nesse sentido, ela explica que a magia representava uma rejeição à exploração de trabalho imposta pelo capitalismo e uma insubordinação ao sistema. Tendo em conta as percepções das autoras, esse critério de análise busca observar como as personagens podem ser consideradas figuras subversivas e símbolos de poder feminino.

No que se trata de Circe, sua aversão ao sistema dominante dos deuses se manifesta no começo do livro, quando ela presencia a punição de seu tio Prometeu por ter levado o fogo para ajudar os mortais. Ela sente empatia ao vê-lo ser torturado pela fúria Allecto e se sente dividida quanto a legitimidade de sua condenação, pois também nutria curiosidade pelos humanos. Circe comete seu primeiro ato de rebeldia ao oferecer conforto para o Titã em sua punição e se esgueirar escondida para oferecer néctar divino a ele. Com isso, a ninfa consolida seu primeiro posicionamento contra a ordem dos titãs ao se aproximar daquela figura que lhe inspirou tanta afinidade.

Com o passar do tempo, ela aprimora as suas técnicas com a magia a ponto de se tornar sua principal ferramenta de poder e proteção. Conforme a bruxa exilada desenvolve suas habilidades e vai se sentindo cada vez mais confortável com a solidão, ela passa a desprezar completamente a ordem dominante dos deuses e qualquer um que se imponha contra ela. Até mesmo seu irmão Aietes, que ela admirava, não conseguiu

impôr seus desejos ao ir atrás de Medeia, sua filha que roubou o Velocino de Ouro para ajudar Jasão e procurou ajuda de Circe.

– Ela não queria ficar.
– Não queria? Ela é uma criminosa e uma traidora! Era seu dever mantê-la aqui para mim! (...)
O ar estalou ao nosso redor.
– Ouviu o que eu disse? – Ele gritou. – Eu deveria punir você.
– Não. – Eu disse. – Na Cólquida você pode exercer sua vontade. Mas esta é Eana. (Miller, 2020, p.163)

Depois de uma experiência de opressão e violência, ao ser vítima de um estupro, Circe desperta a personalidade de feiticeira temida, assumindo, pela primeira vez, a tarefa de transfigurar os homens em porcos e matá-los. Com isso, ela utiliza seu momento de vulnerabilidade para transformar sua magia em uma forma de autodefesa, de modo que ela passa a enfeitiçar as comidas de seus hóspedes como forma de garantir sua proteção.

Como insubordinada ao sistema dominante, Circe passou a enfrentar os deuses que se pusessem contra ela em sua ilha, pois, já acostumada com suas punições e caprichos, se nega a respeitá-los como superiores. Dessa maneira, quando Apolo lhe traz uma profecia sobre Odisseu, ela recusa a manter passividade sob seus comandos: “– Meu irmão me avisou sobre sua voz. Acho que seria melhor se falasse o mínimo possível”. (...) “Suas palavras não continham malícia. Mas talvez fosse assim que a malícia soasse naqueles tons perfeitos. – Não serei silenciada em minha própria ilha.” (2020, p. 209).

Além disso, após a partida de Odisseu, Circe se viu grávida e assumiu a maternidade sozinha, se tornando extremamente protetora com seu filho. Por conta disso, ao ver o seu bebê recém-nascido ameaçado pela deusa Atena, graças a uma profecia de que ele mataria Odisseu, a bruxa se tornou ainda mais perigosa, assumindo todos os riscos possíveis ao desafiar a deusa.

– Dê-me a criança.
Todo o calor da sala foi drenado. Até o fogo estalando ao meu lado parecia apenas uma pintura na parede.
– Não.
– Ousa ficar contra mim?
(...) Minha língua murchou e eu me senti tremer. Mas se havia uma única coisa que eu sabia no mundo, era que não existia misericórdia entre os deuses.
– Ouso. – Repliquei. – Embora mal pareça uma batalha justa, você contra uma ninfa desarmada. (Miller, 2020, p. 226-227)

Com esse novo papel maternal, Circe se sente mais vinculada do que nunca a outro ser e coloca todo o seu poder na proteção de seu filho, pois era uma garantia de ser amada e menos solitária. Apesar disso, ela não deixa de realizar suas práticas mágicas, sempre prezando pelo desenvolvimento de suas habilidades. Mais tarde, quando Telégonos fica mais velho, ela abençoa a sua partida para o mundo, o que acaba por culminar na morte accidental de Odisseu e no refúgio de Penélope e Telêmaco em sua ilha. Embora se esperasse rivalidade entre a esposa e a amante de Odisseu, as duas formaram um laço de apoio, de modo que Circe ensina sua magia a Penélope para torná-la uma grande feiticeira.

Entretanto, ainda que o desenvolvimento pessoal da bruxa tenha sido trabalhado através de seus poderes e de sua relação com os deuses, o ponto de virada de Circe veio com o enfrentamento das consequências de seu passado. Após muito tempo, a ninfa estava disposta a alterar o cenário imutável no qual estava submetida, e a insatisfação com a sua condição de imortal a fez assumir as rédeas de sua vida.

Minha ilha se estendia ao meu redor. Minhas ervas, minha casa, meus animais. E assim continuaria, pensei, para sempre, eternamente igual (...) Para mim, não havia nada. Eu continuaria existindo por milênios intermináveis, enquanto todos os que eu conhecia escapavam por meus dedos e eu era deixada apenas com os que eram como eu. Os olimpianos e titãs. Minha irmã e irmãos. Meu pai. Senti algo em mim, então. Foi como nos primeiros tempos dos meus feitiços, quando o caminho se abria, súbito e claro diante de mim. Todos aqueles anos eu tinha resistido e lutado, mas havia uma parte de mim que ficara imóvel. (Miller, 2020, p. 328-239)

A partir dessa reflexão, Circe enfrenta seu pai e o chantageia para ser livre do exílio, ameaçando relatar os planos e traições discutidos pelos titãs que ela já presenciou, o que poderia dar início a uma guerra com os deuses. Assim como o temor de uma trama política entre os deuses e titãs que ocasionou a sua punição, Circe entra no jogo de poder das divindades e coloca fim ao seu exílio: “Você começaria uma guerra”. “Espero que sim. Pois prefiro vê-lo destroçado, pai, a permanecer aprisionada para sua conveniência por mais um momento sequer.” (Miller, 2020, p. 331).

Ao se ver livre de sua ilha, Circe vai atrás de Cila, monstro marinho que já tinha sido uma ninfa, para dar fim à criatura que criou no início de seus poderes. Sendo o seu primeiro ato nocivo com a magia, a bruxa nunca se absteve da responsabilidade, de modo que esse se tornou um fardo sombrio que ela carregou por anos até chegar o

momento de enfrentá-lo. Desse modo, Circe atravessa o mar junto com Telêmaco, por quem já tinha se afeiçoadado, e consegue matar o monstro que havia criado.

Por fim, seu último ato rebelde é a abdicação de sua imortalidade, algo que ela nunca encarou como uma benção, mas como um fardo que a paralisava no tempo enquanto os outros partiam a sua volta. Livre de sua ilha, Circe a deixa para Penélope e assume seu amor por Telêmaco, começando sua trajetória de descobertas pelo mundo. Ao final, atingindo o ápice de seus poderes, ela cria uma poção capaz de torná-la mortal e passa a pertencer à esfera que sempre admirou.

Minha divindade brilha em mim como os últimos raios do sol antes de se afogarem no mar. No passado, já pensei que os deuses eram o contrário de morte, mas agora vejo que são mais mortos do que tudo, pois são imutáveis e não conseguem segurar nada nas mãos. Toda a minha vida eu me movi para frente, e agora estou aqui. Tenho a voz de um mortal, deixe-me ter o resto. Ergo a tigela transbordante aos lábios e bebo. (Miller, 2020, p. 354)

Diante disso, Circe assume o seu despertamento divino e acaba por cortar os laços familiares com seus pais e irmãos, reivindicando uma vida melhor a partir do lugar marginalizado em que foi colocada. A bruxa transgride ao menosprezar os deuses, tomar um lugar junto aos mortais e abrir mão da imortalidade que sempre lhe foi um peso. Com isso, Circe também abraça a vulnerabilidade e o imprevisível ao começar uma vida mortal cheia de aventuras ao lado de Telêmaco. Um outro ponto relevante é a forma como ela aprende a subverter a situação que lhe foi imposta ao entrar no jogo de poder dos deuses e titãs, tomando controle de seu destino ao desafiar seu pai e demonstrar seu poder de resistência. Ainda que a exclusão e o isolamento tenham sido fatores primordiais para compor a história e moldar a personagem, o que marca o seu percurso é o seu desenvolvimento enquanto bruxa, de forma que o seu trabalho árduo com a magia chega ao ápice quando ela cria uma poção capaz de desfazer sua imortalidade, algo até então inconcebível pelos deuses.

Em vista desses aspectos, pode-se observar que Madeline Miller apresenta sua protagonista como uma bruxa empática, insurgente ao sistema olímpico, que renega sua linhagem divina e assume seu lugar junto aos mais fracos, isto é, os mortais. Circe se dedica a desenvolver os poderes por conta própria, através do estudo e da prática das ervas. Ainda que seus irmãos se vangloriam do poder divino que eles possuem, ela encara a sua linhagem como um fardo. Posto isso, a personagem assume seu

despertamento e desempenha papel transgressor ao desafiar a autoridade dos deuses e de sua família, se responsabilizando, também, pelos erros cometidos no passado.

No que concerne à Tituba, a personagem de Condé quebra a noção estereotipada dos escravizados como personagens vitimizados. Ela se demonstra resiliente desde o começo ao se esforçar para se adaptar à condição de bruxa sob os ensinamentos de Man Yaya. Nesse sentido, como Tituba foi retratada em muitas versões sobre os julgamentos de Salem, um ponto que cabe ser considerado em relação à figura estereotipada da mulher negra vitimizada pelo meio colonial e inquisitorial é o fato de ela ser inocente das acusações e, como escravizada doutrinada pelo contexto religioso, ser temente a Deus, assim como os seus senhores. No entanto, Tituba rompe com esse paradigma da mulher acusada injustamente ao se identificar e se reafirmar como bruxa, apesar dos falsos julgamentos do termo. Com isso, embora mantenha suas crenças em segredo por conta da represália religiosa do contexto, em nenhum momento Tituba se arrepende ou pensa em reconsiderar suas práticas mágicas.

– Repete, meu amor! O que importa para um escravizado é sobreviver. Repete, minha rainha. Acha que por acaso eu acredito nessa história de Santíssima Trindade? Um só Deus em três pessoas distintas? Mas isso não tem importância. Basta fingir. Repete!

– Eu não consigo! (...)

John Indian juntou minhas mãos com força e eu repeti com ele.

“Creio em Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra...”

Mas essas palavras não significavam nada para mim. Não tinham nada a ver com as que Man Yaya tinha me ensinado. (Condé, 2022, p. 53)

Ainda que John Indian reforce a importância da adaptação dos escravizados para a sobrevivência, Tituba foi forçada a se moldar ao contexto, mas nunca aceitou essas ideologias dominantes. Apesar de se tornar subordinada ao meio colonial no momento em que se une com John Indian e passa a viver na casa de sua senhora, ela faz o possível para subverter as suas circunstâncias e não tem medo de utilizar seus poderes, mesmo que para seu próprio benefício ou dos seus. Foi com esse pensamento que, ao ser suspeita de bruxaria pela Sra. Endicott, ela desejou matá-la, mas, persuadida pelos espíritos de sua mãe e Man Yaya, a atinge com uma doença degradante: “Foi então que tomei a decisão de me proteger. Sem esperar mais (...) Não havia lugar no mundo para Susanna Endicott e eu. Uma de nós estava sobrando, e não era eu” (Condé, 2022, p. 56).

Embora tenha conseguido a sua vingança e escapado da execução em Barbados, Tituba foi vendida junto com John Indian a um senhor ainda mais cruel e rigoroso,

enfrentando um destino pior ao ser transportada para Boston e, em seguida, ao condado de Salem. Apesar do reverendo Parris a oprimir com violência ao ser confrontado por suas pregações cristãs, Tituba não deixava de ir contra suas convicções, de modo que enfrentava seu senhor com comentários céticos: “– Tituba, eu não acuso sem provas. Também reservo o meu julgamento a mim. Mas, se amanhã o doutor Griggs concluir que é mesmo influência do Maligno, eu vou te mostrar o homem que sou.” “Eu ri com desdém: – O que o senhor chama de provas?” (Condé, 2022, p. 116).

Dentro dessa convivência, a protagonista de Condé também transgrediu as barreiras do sistema colonial e formou uma amizade com Elizabeth Parris, esposa de seu senhor. Parte dessa conexão foi construída por conta da violência de Samuel Parris, o que gerou compaixão o suficiente entre as duas para que Tituba recorresse aos seus dons para salvá-la da enfermidade.

Morrer, minha pobre e doce Elizabeth? E deixar as meninas sozinhas com o monstro do seu marido? Morrer, meu cordeiro atormentado, sem ter aprendido que a morte é só uma porta que os iniciados sabem manter bem aberta? Eu me apressei em sair da cama, na ânsia de ajudá-lo (Condé, 2022, p. 78).

Além de Elizabeth Parris, Tituba também se aproxima de Hester Prynne na prisão ao ser acusada por bruxaria, se conectando com a mulher julgada por adultério. Apesar de enfrentarem acusações diferentes e serem marginalizadas de formas distintas, uma se abre para as experiências da outra, formando um vínculo de acolhimento. Esse contato com Hester marca Tituba profundamente, pois é ela quem a ajuda a enfrentar os inquisidores e a escapar da execução, sendo uma grande fonte de apoio em um dos momentos mais difíceis da protagonista. Assim, ambas ignoram as categorias de raça ou classe da época e se unem devido à brutalidade do sistema patriarcal.

— Eu ouvi que eles te chamam de “bruxa”. Pelo que a culpam?
Levada dessa vez pela compaixão que essa desconhecida me inspirava, expliquei:
— Porque na sua sociedade...
Ela me interrompeu bruscamente:
— Não é a minha sociedade. Eu não fui banida como tu? Presa entre essas paredes?
Eu me corrigi:
— ... nesta sociedade, eles dão à função de “bruxa” uma conotação errônea. A “bruxa”, se vamos mesmo usar essa palavra, corrige as coisas, endireita, consola, cura... (Condé, 2022, p. 145).

Diante dessa nova amizade, Tituba ouve os conselhos de Hester em um momento crucial da trama, se utilizando dos rótulos que são aplicados a ela pela população puritana para se livrar das consequências do julgamento inquisitorial. Com essa estratégia, ela se apodera de suas etiquetas negativas para performar e alterar a situação em que se encontrava, fazendo da rotulação uma maneira de subverter padrões. No entanto, mesmo que estivesse amedrontada durante o interrogatório, Tituba utilizou a filosofia de John Indian e fez o necessário para sobreviver ao confessar os crimes de bruxaria e acusar Sarah Good e Sarah Osborne de estarem envolvidas, duas mulheres consideradas suspeitas que se viraram contra ela na prisão. Ao entregar as informações que os inquisidores queriam ouvir, Tituba entrou no jogo de interesses do contexto dominante e marcou seu ponto de virada na trama. Apesar de sacrificar o seu orgulho, ela conseguiu escapar da execução e, mais tarde, retomou a sua liberdade.

Após esse momento de decisão no destino de Tituba, ela se vê livre da pena de morte ao confessar sua culpa e transferir parte da responsabilidade para as outras acusadas. Depois desse período de detenção, ela é obrigada a pagar as taxas do período em que ficou detida e permanecer no trabalho de servidão até ser vendida novamente a outro senhor: Benjamin Cohen d'Azevedo, um judeu português que precisava de ajuda para cuidar dos filhos. Embora estivesse livre das correntes e da prisão, as circunstâncias de Tituba impediam que ela sentisse a liberdade: “Poucos indivíduos têm esse azar: nascer pela segunda vez” (Condé, 2022, p. 178).

Ao iniciar seu relacionamento com Benjamin Cohen d'Azevedo enquanto sua servidora, Tituba percebe que os judeus também enfrentam uma condição marginalizada por conta da religião, sendo que ele e sua família eram hostilizados pela população. Com esse ponto de contato, eles estabelecem uma conexão que se transforma em afeição, pois Benjamin aceita as práticas mágicas de Tituba e a admira por isso, visto que ela permite o contato com a sua falecida esposa. Dessa maneira, Tituba desfruta de uma relação de respeito dentro da dependência colonial, se abrindo para essa troca, assim como aconteceu com Elizabeth Parris e Hester Prynne.

Em vista disso, apesar da conscientização da personagem sobre a situação subjugada em que se encontra, ela se demonstra satisfeita com o senhor judeu. Além disso, com o envolvimento de mais personagens marginalizados na jornada da personagem, ela dialoga e se relaciona com os desafios enfrentados por eles, como é o caso do racismo remetido à protagonista e aos outros escravizados, da intolerância

religiosa enfrentada pelos judeus e da submissão aplicada às mulheres. Dessa forma, ao criar a abertura da protagonista para com as diferentes pessoas que aparecem em seu caminho, Condé cria um diálogo e entrelaça os diferentes problemas sociais, compondo, assim, uma crítica que atravessa temáticas raciais, religiosas, culturais e de gênero. Tituba se identifica e acolhe os que estão à margem como ela, propondo resistência às imposições dos sistemas colonial, patriarcal e religioso.

É devido a essa relação de trocas com Benjamin Cohen d'Azevedo que Tituba retoma a sua liberdade. Por conta de um infeliz atentado contra a família do judeu que ocasionou na morte de seus filhos, Benjamin, pelo carinho que desenvolveu pela personagem, a liberta da condição de escravizada. Com isso, Tituba finalmente transgride a série de opressões do sistema colonial que a trouxe até as colônias inglesas e retorna para Barbados como uma mulher livre novamente. A partir disso, os boatos que espalharam sobre a sua resistência em Salem a tornaram respeitada e requisitada pela comunidade de escravizados, de modo que ela passou a exercer seu ofício de bruxa com mais autonomia.

A maternidade é outro aspecto que atravessa a jornada da protagonista. No meio da trama, Tituba se vê grávida de John Indian enquanto ainda era escravizada de Samuel Parris, mas opta pelo aborto ao invés de submeter o filho à triste realidade de seu contexto colonial.

Foi um pouco depois disso que me dei conta de que estava carregando em mim uma criança e decidi matá-la (...) Para uma escravizada, a maternidade não é uma alegria. Ela vem para expelirmos, em um mundo de servidão e abjeção, um pequeno inocente, cujo destino será impossível de mudar. Durante toda a minha infância, vi pessoas escravizadas assassinarem seu recém-nascido, plantando um longo espinho no ovo ainda gelatinoso de sua cabeça, cortando com uma lâmina envenenada seu cordão umbilical ou, ainda, abandonando-o à noite em algum lugar percorrido por espíritos zangados. Durante toda a minha infância, ouvi escravizadas trocando receitas de poções, de lavagens, injeções que esterilizavam para sempre sua matriz e a transformava em túmulos revestidos de mortalhas vermelhas (Condé, 2022, p. 83-84).

Segundo Mona Chollet, o poder político europeu se tornou obcecado pela contracepção, pelo aborto e pelo infanticídio a partir da época de perseguição às bruxas, de forma que a promoção da procriação muitas vezes está ligada ao poder e não ao amor à humanidade. Ela também comenta sobre o desejo não de ter filhos e como essa decisão é frequentemente mal compreendida e julgada pela sociedade: "Aquelas que recusam a

maternidade também enfrentam o preconceito que diz que elas odeiam crianças, como as bruxas que devoram com sanha corpinhos assados durante o sabá ou lançam um feitiço mortal para os filhos do vizinho" (Chollet, 2022, p. 51). Com isso, Tituba rompe com a maternidade no meio colonial ao trazer uma visão mais rígida e menos emotiva a essa condição, além de representar poder de escolha sobre seu próprio corpo em uma conjuntura social que a tomava como propriedade e na qual o aborto era intolerável, o que expressa, mais uma vez, o poder subversivo da personagem.

Já no final da trama, ao retornar para Barbados, Tituba engravidada de Christopher, líder do grupo *Maroon* que planejava as revoluções contra o sistema escravocrata. No entanto, ao se ver subjugada diante da intriga de poderes, assim como Circe, Tituba decide criar a criança sozinha, embora o destino não tenha permitido e ela é enforcada como a sua mãe pelo crime de rebeldia contra os senhores, acusada de ajudar os grupos revolucionários.

Ao longo de seu percurso, mesmo que fizesse parte do meio opressor do sistema escravista, Tituba se reafirma como bruxa e enfrenta a ideologia dominante, resistindo ao contexto colonial, patriarcal e religioso. Enquanto uma protagonista rebelde e subversiva, Tituba não hesita em enfeitiçar Susanna Endicott para se ver livre de suas acusações e nem a desafiar a autoridade Samuel Parris. Por conta desse espírito opositor, ela vai de acordo com as acusações da Inquisição e atua de maneira performática para se livrar da execução e utilizar as crenças puritanas contra a comunidade nesse processo. Embora seja afetada após as experiências traumáticas, Tituba não deixa de acolher o novo e constrói vínculos com quem deveria odiar, como sua amizade com Elizabeth Parris e Hester Prynne, e o seu relacionamento afetuoso com Benjamin Cohen d'Azevedo. Assim, após se ver marginalizada e ameaçada nas colônias inglesas, ela retorna para Barbados com uma fama que lhe garante respeito das comunidades escravizadas, podendo atuar como curandeira em prol dos seus antes de chegar ao fim da vida terrena, pois ela continua a agir no pós-vida ao trazer conforto para os escravizados.

Por fim, tanto Tituba quanto Circe são representantes de bruxas solitárias que se conectam com a natureza e desenvolvem seus poderes progressivamente. Por outro lado, Madeline Miller e Maryse Condé quebram os estereótipos negativos que associam a figura da bruxa à maldade e ao egoísmo. Nesse sentido, Tituba e Circe trazem empatia ao dialogarem e se conectarem com outros grupos reprovados socialmente, se identificando e criando vínculos com personagens igualmente marginalizados. Além disso, os poderes

utilizados pelas duas protagonistas são principalmente direcionados para a cura e proteção. Um outro aspecto de divergência é a parceria feminina entre as personagens, que, ao invés de inspirar rivalidade, compartilham experiências de opressão do sistema patriarcal e se unem para se ajudarem mutuamente. Quanto à maternidade, embora não se entreguem a essa função, ao contrário do rótulo da bruxa satânica enquanto devoradora de crianças, Circe e Tituba demonstram preocupação para com seus filhos, uma utiliza magia para preservá-lo de ameaças divinas e a outra opta pelo aborto para não entregá-lo ao sistema escravocrata.

Em suma, por serem personagens determinadas que seguem suas convicções e não abandonam suas paixões, Circe e Tituba utilizam a manipulação do sistema dominante como forma de reverter suas circunstâncias e subverter as situações a seu favor. Desse modo, ambas as personagens analisadas se desenvolvem individualmente e magicamente ao passarem por desafios que as colocam no controle de seus destinos, o que as caracteriza, assim, como exemplos de resistência e alteridade feminina.

A imagem da bruxa na literatura contemporânea

No que se refere à pergunta base desta pesquisa sobre a imagem que a bruxa está passando na literatura contemporânea, é importante considerar, primeiramente, a complexidade e multiplicidade dessas personagens. A bruxa não é uma figura estática, mas sim um reflexo das mudanças sociais e culturais. Em seu estudo, a pesquisadora Justyna Sempruch trata a bruxa como representante de uma identidade feminina radical, que insere a história de sua opressão em espaços ideológicos e políticos contemporâneos (Sempruch, 2008). Com isso, a personagem pode passar uma tensão entre o passado e o presente, se tornando um símbolo de despertamento cultural das mulheres e uma forma de mitologia feminina.

Nesse viés, a bruxa contemporânea é uma construção cultural que corresponde às tendências e necessidades modernas, enquanto a bruxa como vítima histórica deve ser entendida em seu próprio contexto, ainda que seja retomada na atualidade. A imagem da bruxa como uma figura poderosa e independente, mas também perigosa e maligna, servia para justificar a opressão e a violência contra as mulheres, de forma que ela também refletia o medo do poder feminino e a necessidade de controlá-lo. Por outro

lado, hoje a bruxa também pode ser vista como uma figura subversiva, que desafia as normas patriarcais e reivindica um espaço de autonomia e poder.

Em vista disso, as feministas abraçaram a figura da bruxa como um símbolo de resistência contra a opressão patriarcal e como uma forma de reivindicar o poder feminino. Por refletir as inclinações culturais, a bruxa no imaginário literário contemporâneo é, portanto, tanto uma figura de empoderamento quanto de resistência, representando a luta contínua das mulheres por autonomia e igualdade. Embora as personagens analisadas sejam marginalizadas em seus contextos devido à bruxaria, a opressão enfrentada por elas é ocasionada principalmente por fatores sociais e de gênero, o que as colocam como vítimas frente às imposições e violências do patriarcalismo. Dessa forma, a magia desenvolvida por Circe e Tituba se constitui como uma ferramenta de emancipação e resistência, o que as auxilia a subverter suas circunstâncias subalternas e se torna um meio de proteção. Ademais, as tramas das protagonistas de Madeline Miller e Maryse Condé giram em torno de seus desenvolvimentos pessoais, de modo que acompanhamos suas trajetórias na bruxaria e o crescimento progressivo de seus poderes.

Por conseguinte, observa-se que as personagens bruxas analisadas representam majoritariamente o caráter subversivo e empoderado que serviu como símbolo dos movimentos feministas. Embora se desenvolvam na bruxaria e constroem sua autoridade aos poucos, não se pode descartar as situações em que foram submetidas por seus contextos, o que também acaba por trazer a caracterização vitimizada para elas. Sobre isso, cabe destacar o posicionamento da crítica alemã Silvia Bovenschen acerca dessa dupla figuração:

Elevar a bruxa histórica *post festum* a uma imagem arquetípica da liberdade e do vigor feminino seria inimaginavelmente cínico, considerando a magnitude de seu sofrimento. Por outro lado, hoje o renascimento da imagem da bruxa torna possível uma resistência que foi negada às bruxas históricas. (Bovenschen, 1978, p. 87, tradução minha).²

Tendo isso em conta, não se pode ignorar a bruxa representante das vítimas históricas e grupos marginalizados, mas o renascimento dessa figura e seus novos potenciais simbólicos também se tornam fundamentais para trazer novas perspectivas

²Original em inglês: “To elevate the historical witch *post festum* to an archetypal image of female freedom and vigor would be unimaginably cynical, considering the magnitude of her suffering. On the other hand, the revival of the witch's image today makes possible a resistance which was denied to historical witches.”

que foram negadas a essa faceta feminina. No que se refere ao princípio do revisionismo literário sob a perspectiva feminista, a teórica Adrienne Rich trouxe uma importante contribuição para a área com seu artigo *When We Dead Awaken: Writing as Re-Vision* (1972), no qual argumenta sobre a importância de revisitar e reinterpretar a escrita do passado, a fim de romper com tradições opressivas. Ela explica que a *Re-visão* é o ato de olhar para trás com uma visão recente para analisar textos antigos com uma nova direção crítica, sendo esse um ato de sobrevivência e uma recusa à autodestruição pela sociedade masculina (Rich, 1972). Ao reforçar a visão feminista, a autora ressalta que o ato de *Re-visão* é um desafio e uma grande promessa para escritoras mulheres, pois há toda uma geografia psicológica a ser explorada.

Por fim, no que diz respeito à importância dessas releituras para a literatura contemporânea, o revisionismo literário é uma linha que vem impactando a construção da memória na literatura, pois questiona interpretações tradicionais e promove novas visões que reconhecem a diversidade e a subjetividade de personagens apagados ao longo da história. Já a retratação das bruxas tem sido muito presente em grandes obras desde a Antiguidade, mas as reinterpretações na evolução histórica permitiram novas visões para as mulheres detentoras de poder, de modo que se torna relevante aprofundar suas caracterizações na cultura popular moderna. Com a representatividade feminina em diferentes esferas, a pluralidade de vozes pelo revisionismo literário e o retrato atual das bruxas, é possível desenvolver estudos capazes de oferecer novos segmentos sociais e culturais no campo literário e acadêmico.

Considerações finais

Com base nas informações expostas, o despertamento foi um sentimento catalisador para que Circe e Tituba se iniciassem na bruxaria e despertassem sua magia. Em meios divididos por categorias sociais, as personagens se diferenciam por não corresponderem aos padrões e não seguirem os mesmos ideais. Com isso, além da marginalização que sofrem por suas características distintivas e por desafiarem a ordem estabelecida, as protagonistas resistem à opressão do contexto. Dessa maneira, elas passam por cima de ameaças e violências de gênero, reforçando suas convicções e pertencimento identitário na bruxaria, sendo que essa é uma forma de garantirem proteção e poder para subverter suas circunstâncias subalternas.

À vista disso, ao aprofundarem as personagens de Circe e Tituba, Madeline Miller e Maryse Condé conferem voz a essas figuras invisibilizadas na literatura, desenvolvendo a complexidade de suas identidades e trazendo detalhes sobre suas jornadas na bruxaria. Ao trazerem a perspectiva de figuras femininas marginalizadas por conta de seus dons, as autoras não apenas focam nas capacidades mágicas que lhes conferem poder, como também em seus aspectos humanos, que lhes conferem paixões, vulnerabilidades e falhas.

Assim, no que concerne à desconstrução do estereótipo negativo das bruxas pelas autoras, as personagens vão contra a noção social de que as bruxas são mulheres malignas e egocêntricas. Tituba e Circe, ao contrário, demonstram acolhimento em relação às minorias igualmente marginalizadas e se mostram abertas a novas experiências de vida. Elas também estabelecem parcerias femininas como forma de apoio mútuo diante da brutalidade patriarcal, superando as rivalidades frequentemente associadas às bruxas. Além disso, em vez de utilizarem seus poderes de maneira nociva, ambas direcionam suas habilidades mágicas para a proteção e a cura, oferecendo amparo a si mesmas e aos seus diante das ameaças enfrentadas.

Portanto, pode-se concluir que as releituras modernas de Tituba e Circe reforçam o imaginário literário da bruxa como uma mulher transgressora, rebelde e símbolo de poder feminino. Isso vai ao encontro com o cenário cultural da nossa época, demonstrando o poder de renascimento que determinadas figuras literárias podem ter, o que pode contribuir com o cenário literário ao abrir novas discussões a partir de casos já conhecidos. Dessa maneira, novos estudos podem ser aprofundados no campo do revisionismo literário, tendo em conta que novas perspectivas multiculturais abrem horizontes para interpretações diversas acerca de temas do passado, como foi o caso da construção da bruxa no imaginário literário.

Referências

ALEXANDER, B. & RUSSEL, J. B. **História da Bruxaria**. São Paulo: Aleph, 2019.

BOVENSCHEN, Silvia. The contemporary witch, the historical witch and the witch myth: the witch, subject of the appropriation of nature and object of the domination of nature. **New German Critique**, Carolina do Norte, n. 15, p. 82-119, autumn, 1978.

CHOLLET, Mona. **Bruxas**: A força invencível das mulheres. Tradução: Camila Boldrini. Minas Gerais: Âyiné, 2022.

CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba**: Bruxa Negra de Salém. Tradução: Natalia Borges Polessso. 1º. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpos e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução, notas e comentários de Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal Editores, 2018.

MILLER, Arthur. **The Crucible**. London: Penguin Group, 2003.

MILLER, Madeline. **A canção de Aquiles**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2021

MILLER, Madeline. **Circe**. São Paulo: Planeta, 2020.

PFAFF, Françoise. **Nouveaux entretiens avec Maryse Condé**: écrivain et témoin de son temps. Paris: Karthala, 2016.

RICH, Adrienne. When we dead awaken: writing as Re-Vision. **College English**, v. 34, n. 1, p. 18-30, out., 1972.

SEMPRUCH, Justyna. Fantasies of gender and the witch in feminist theory and literature. **Purdue University Press**, Indiana, jan., 2008.

VANRY, Nikki. Writing Of Gods And Mortals: A Madeline Miller Interview. **Book Riot**, 19 abr. 2018. Disponível em: <https://bookriot.com/madeline-miller-interview/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

Data de submissão: 28/05/2025
Data de aceite: 14/10/2025